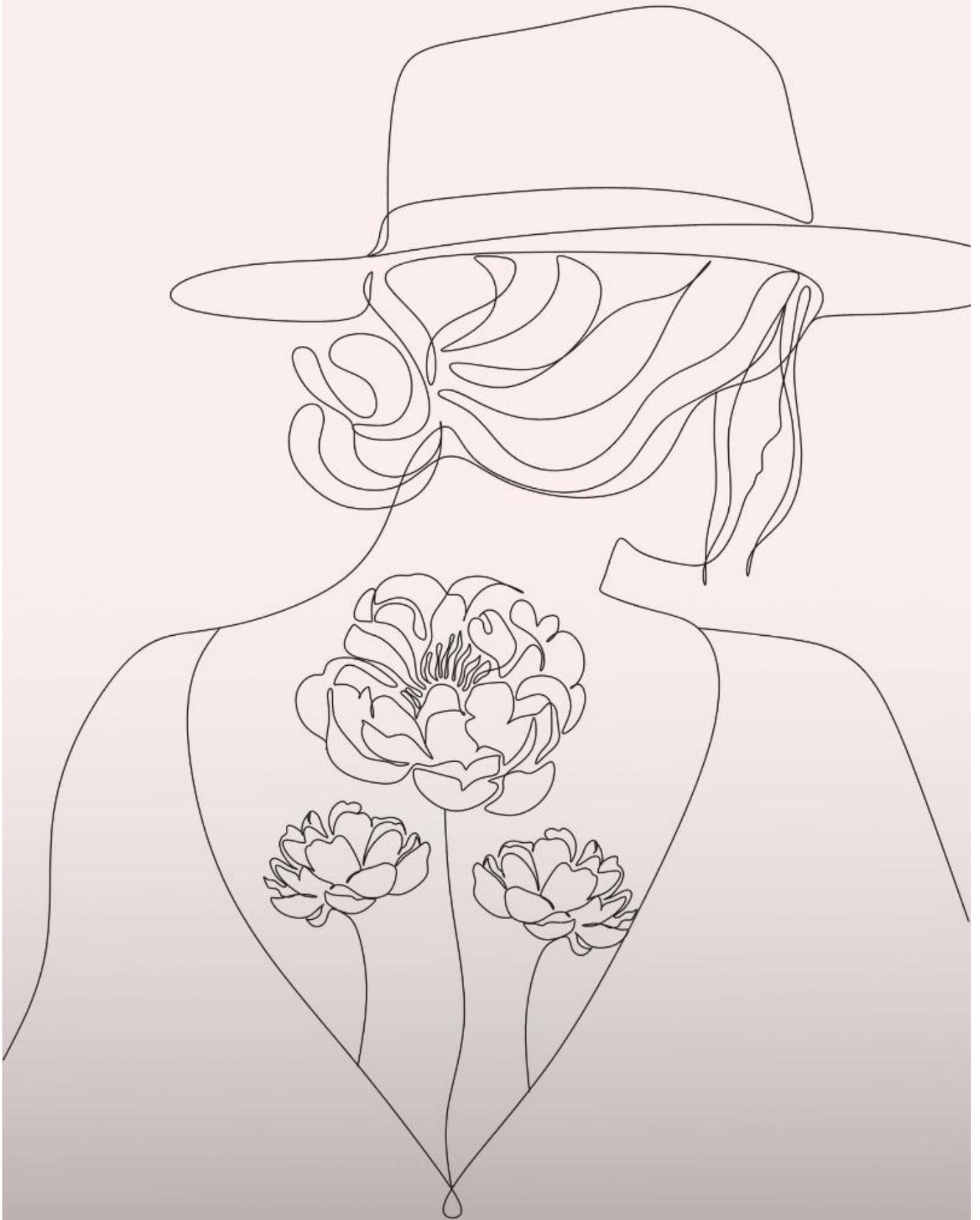


L A N U M E W E I S S



QUEBRANDO O CICLO

A VIDA COMEÇA QUANDO A VIOLÊNCIA TERMINA

Conhecia também uma violência praticada de forma quase invisível, que é o preconceito contra as mulheres, desrespeito que abre caminho para atos mais severos e graves contra nós. Apesar de nossas conquistas, mesmo não tendo as melhores oportunidades, ainda costumam dizer que somos inferiores, e isso continua a transparecer em comentários públicos, piadas, letras de músicas, filmes ou peças de publicidade. Dizem que somos más motoristas, que gostamos de ser agredidas, que devemos nos restringir à cozinha, à cama ou às sombras.

Maria da Penha

Trecho do livro "Sobrevivi... posso contar" (1994)

SUMÁRIO

PRÓLOGO	03
CAPÍTULO 1 - O PRIMEIRO CONTATO COM A VIOLÊNCIA	07
CAPÍTULO 2 - A CASA NEM SEMPRE É O LUGAR MAIS SEGURO	11
CAPÍTULO 3 - QUEBRANDO O CICLO	17
CAPÍTULO 4 - A VIDA COMEÇA QUANDO A VIOLÊNCIA TERMINA	22
CAPÍTULO 5 - PROGRAMAS DE COMBATE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	28
EPÍLOGO	31
ANEXOS	33
AGRADECIMENTOS	36

PRÓLOGO

O meu primeiro contato com a violência aconteceu quando eu ainda estava na barriga da minha mãe. Eu cresci em uma grande casa de madeira, em uma pequena cidade no litoral norte de Santa Catarina, chamada Balneário Piçarras. A casa foi adquirida pela minha avó, que dizia ter comprado o lugar só pela figueira no quintal. Os quatro quartos abrigavam os três filhos e ela, mãe solteira.

Aos 17 anos, minha mãe ficou grávida do melhor amigo da escola, com quem ela nunca se casou. Quando descobriu a gravidez, a irmã mais velha, que já se via responsável pelos dois irmãos, agora tinha uma outra criança para se preocupar.

Isso não afetou só minha mãe, mas também o irmão mais novo dela, conhecido pelo seu mau-humor e cara emburrada. O temperamento dele era notável desde criança, quando começou a se irritar com a gravidez da irmã. Ele era pequeno, não chegava aos 4 anos, quando proferiu um soco na barriga redonda e linda da própria irmã, já com uns sete meses de gestação. O ódio manifestado naquele dia por ele continuou a se repetir por toda minha vida, com piadas de mau gosto e agressões contra mim.

Assim que nasci, meus pais levaram meu tio para me conhecer, e a primeira reação dele foi me dar um soco. Nunca perguntei o porquê ele me odiava tanto, mesmo nós dois morando na mesma casa dos meus 6 aos 17 anos.

Mas antes disso, morei um tempo com meus pais, em uma casa alugada. Infelizmente, o meu pai era um cara ciumento e isso o transformava em alguém violento. Violência muitas vezes cometidas contra a própria mulher.

O clima geralmente era bom entre os dois e, por conta de alguma insegurança do meu pai, do nada, tudo ficava tenso. Em uma casa simples, minha mãe ficava o dia todo presa, longe das pessoas que a amavam de verdade, porque ele se recusava a deixá-la sair. Nunca quis saber como chegou nesse ponto, mas um dia meus pais tiveram uma briga tão severa, que ele, muito irritado e fora de si, a agarrou pelo pescoço e a sufocou. Eu era um bebê ainda, tinha um ano e alguns meses de vida.

Minha mãe estava quase morrendo, sem conseguir respirar. É de senso comum que ambientes hostis e tensos podem afetar as emoções dos bebês e, por este motivo, eu estava aos prantos. Chorei tanto que cheguei a vomitar e me engasgar com o próprio vômito, deitada e sem conseguir me virar, por ser muito

pequena. Minha mãe sufocava, ao mesmo tempo que eu. Os dois ficaram preocupados comigo e ele soltou a garganta dela para poder me socorrer.

É triste saber que estive presente em vários momentos na qual minha mãe foi vítima das agressões do meu pai. Mas ela saiu disso. Depois desse episódio, a jovem mãe, guerreira e forte, juntou as malas e fugiu com a filha. Pediu uma medida protetiva e foi tentar outra vida em uma cidade a 30 quilômetros do seu passado, em Balneário Camboriú (SC). Entrou na faculdade e fez o melhor que podia, afinal ainda era jovem, nem tinha completado 20 anos, tinha sonhos próprios e não se sentia adulta, apesar de já ser mãe.

Vivi por um tempo com ela, até que pedi para morar com minha avó, aos 6 anos. Ela, no entanto, continuou em Balneário Camboriú para terminar o curso de Arquitetura. Voltei para a cidade natal da minha mãe, onde meu pai ainda morava, sem saber nada sobre o passado dos dois.

Viviam eu, minha tia, meu tio e minha avó, junto de alguns cachorros, naquele casarão de madeira. Era um lugar aconchegante, com um quintal enorme. A casa ficava em uma rua pouco movimentada do Centro, com muitas crianças por perto e boas escolas. Nessa época, comecei a me questionar o porque meus pais não estavam juntos. Todas as outras famílias que eu conhecia tinham pais presentes, exceto a nossa. Digo nossa, pois ninguém naquela casa recebia presentes do pai no Natal, nem chocolate na Páscoa.

A minha curiosidade, de fato, me levou até uma resposta. Certo dia, com 11 anos, enquanto esperava o ônibus para ir para escola, encontro acidentalmente meu pai, alto e todo desengonçado, perambulando pela cidade como gosta de fazer. Caminhávamos longas distâncias, eu e ele, sempre divagando sobre os mais variados assuntos. Apesar de ter sido violento contra minha mãe e, ao longo da minha vida ter se mostrado violento com outras pessoas, meu pai nunca me fez mal algum.

Por motivos que até hoje não compreendo, ele colocou toda nossa relação em risco quando começou a me contar, na parada de ônibus, às 7 da manhã, como ele tinha transformado a vida da mãe da filha dele em um inferno anos atrás. Foi uma conversa na lata, tudo falado de repente.

Depois das revelações, eu tive que subir no ônibus e continuar meu dia como se nada tivesse acontecido. Foi a partir desse momento que descobri porque minha família não era como as outras: a violência tinha arruinado ela.

Enquanto vivia debaixo do teto da minha vó, aguentei por muitos anos comentários cruéis e atitudes agressivas do meu tio. Eu não tinha ninguém que me protegesse. Minha mãe estava em outra cidade dividindo apartamento com colegas de faculdade, sem dinheiro nem para ela comer. Minha avó estava sempre bêbada e não prestava atenção em mim. Então, só fui vivendo, um dia de cada vez, sonhando com o momento em que sairia dali.

Tenho a teoria de que toda mulher já passou por uma situação violenta com um homem. Eu, assim como muitas outras mulheres, sobrevivi a *várias* situações em que fui maltratada por um cara. No mundo afora, existem namorados abusivos, pais agressivos, padrastos violentos, amigos aproveitadores. Descobri, da pior forma, que a violência persiste, de pai para filho, e assim por diante. De geração em geração, mulheres são submetidas a papéis que não cabem a elas. E homens crescem acreditando que têm algum poder sobre a mente e o corpo feminino.

Quando eu tinha 17 anos, minha mãe, aos 34, conseguiu se estabilizar financeiramente e alugou uma casa para nós duas. Depois de tanto tempo separadas, foi uma experiência diferente viver uma vida de mãe e filha. Eu nunca tive figura materna e nem paterna. Minha avó nunca foi um exemplo de mãe amorosa e carinhosa.

Com essa idade eu já estava mais madura e comecei a perceber que precisava de uma psicóloga. Vivi por muito tempo triste quando estava na minha vó, sendo o meu pior pesadelo a casa em que eu morava. Me magoava muito achar que eu não era amada, que eu era um dano colateral, que prejudicava outras pessoas ao meu redor. As consequências emocionais de se viver em um lar violento e opressor. Finalmente em paz em uma casa só com a minha mãe, comecei a ver uma terapeuta, mas demorou para eu conseguir me abrir.

Aos 19 anos, saí da minha cidade natal e fui para longe de toda minha família, para a mesma cidade que minha mãe foi, Balneário Camboriú, nessa mesma idade, anos atrás.

Iniciando uma página nova da minha vida, comecei a cuidar melhor de mim, a trabalhar o amor próprio. Foi bem difícil, bem dolorido, mas eu tive apoio de uma excelente psicóloga. É preciso muita força para encarar a vida e nossos sentimentos. É mais complicado ainda perdoar a si mesma, saber que não tem culpa de nada. Esse foi o processo mais difícil que eu já enfrentei, mas que me permitiu seguir em frente.

Por fim, deixo um fato infeliz e revoltante, entretanto intrigante, de que toda mulher da minha família sofreu algum tipo de violência, seja ela física, sexual, psicológica ou moral. Comprovo por experiência que a violência contra as mulheres causa enorme sofrimento, deixa marcas nas famílias, afetando várias gerações.

CAPÍTULO 1 - O PRIMEIRO CONTATO COM A VIOLÊNCIA

Pelo meu histórico, eu não sabia se estava pronta para escrever um livro sobre violência contra mulher. Veja, eu sou uma menina-mulher de 21 anos, embarcando no trabalho mais importante que já fiz até aqui, o que me assusta. Também não sei se sou madura o suficiente para lidar com o tema, pois ele me fragiliza muito. Mas como jornalista, posso transformar histórias desconhecidas em importantes debates. Falar sobre violência contra mulher é divulgar canais de denúncia que ajudem a combater o crime e prevenir que futuras gerações repitam padrões agressivos.

Antes mesmo de entrevistar alguém, estava preocupada sobre como me sentiria ouvindo os relatos dessas mulheres, mas me surpreendi com o quão mágica essa trajetória poderia ser. Encontrei Priscilla da Silva Reis pela primeira vez em um café no Centro de Balneário Camboriú. Eu cheguei primeiro, estava nervosa e suando frio. De imediato já fui percebendo que Priscilla era uma mulher muito ocupada. O dia dela era designado a várias tarefas diferentes e, conseqüentemente, ela acabava se atrasando para uma coisa ou outra.

Não sabia como ela se parecia, pois ela ainda não tinha salvado meu contato no WhatsApp e a foto não aparecia para mim. No dia em que a conheci, Priscilla estava com roupas de cores fortes - porque ela não tem medo de chamar atenção - e tudo nela beirava a perfeita atenção aos detalhes. Não só nesse dia, mas em todas as outras vezes que a vi, não deixou a desejar na aparência, algo que me contou que preza muito.

Ela já chegou com um sorriso no rosto e pedindo desculpas pelo atraso. “Precisava levar as crianças na escola e ainda checar o fornecedor do restaurante da minha sogra”, foi logo se justificando. Nossa conversa fluiu facilmente e todo medo que tive antecipadamente desapareceu. Estava empolgada com a história e me sentia acolhida por Priscilla, que gostava de falar, me fazendo uma boa ouvinte.

Conversar com ela é falar olho no olho, sendo as palavras dela ditas calculadamente, de maneira curta e direta. Não deixou a desejar e já começou me contando a história desde o início. Priscilla sonha em ser atriz e já até fez alguns trabalhos na área. Nas redes sociais, tenta levar a vida de influencer, mas o que dá renda no final do mês são as vendas da sua própria loja online de perucas.

Oriunda de Paracambi, Rio de Janeiro, a família Reis veio para Santa Catarina em 1995, quando o pai de Priscilla acreditou na possibilidade de um futuro melhor no Sul do país. “Eu tinha só cinco anos quando viemos para Camboriú, mas senti a diferença no tratamento que as outras crianças tinham comigo. Nessa época comecei a ter os primeiros contatos, que eu me lembre, com o racismo”, explica Priscilla.

O pai dela era eletricista e a mãe doméstica. Os sonhos de uma vida melhor não se tornaram reais magicamente com a mudança de estado. Na verdade, parecia ainda mais difícil conseguir um emprego rentável na nova comunidade que os pré-julgavam pela cor da pele.

Dá para ver pelo brilho no olho e no gaguejar da voz que dói para Priscilla falar dos pais dela. Quando a questioneei o porquê, me contou que ela não tinha uma “família comercial de margarina”. O pai de Priscilla se culpava por não conseguir sustentar a mulher e os filhos, e descontava na bebida, o que o deixava instável e violento.

“Minha mãe está até hoje com ele. Ela foi forte e aguentou tudo, tanto as agressões do meu pai, quanto os insultos das donas das casas que ela cuidava. Eu estive presente em vários desses momentos e prometi para mim mesma que não aceitaria viver assim. Eu herdei a mesma força, mas queria usá-la para sair desse ciclo e viver uma vida diferente”, desabafou Priscilla uma vez pra mim.

Ela não estava feliz em casa, com os pais brigando constantemente. Os irmãos dela, por não terem exemplo de afeto, não se uniam, nem davam apoio uns aos outros. Priscilla ficava muito tempo sozinha e nessas horas arquitetava maneiras de sair da casa dos pais. Para ela, garantir a independência era sinônimo de esperança, um lugar no futuro onde esses trágicos eventos não ocorrerão mais.

Compartilhando do mesmo pensamento de Priscilla, Lucia Leonhardt também sonhava em sair da casa da mãe, que se tornou um pesadelo depois que o padrasto Fernando veio morar ali. A família de Lucia é bem tradicionalista e de uma pequena cidade no Rio Grande do Sul, chamada Ronda Alta. Apesar de ela não compartilhar os mesmos gostos que o pai, sempre teve muito respeito e amor por ele. Foi muito difícil para ela perdê-lo aos 11 anos e isso a fez amadurecer precocemente. A mãe dela ficou um ano superando a perda do companheiro e, para ajudá-la, Lucia começou a cuidar da casa também. O irmão mais velho não se importava muito com a família, estava mais preocupado em ganhar dinheiro e mudar de vida.

Um ano e meio depois da morte do pai, a mãe de Lucia conheceu Fernando no mercado. “Ela ainda estava abatida, não cuidava mais de si como antes. Mas conheceu ele, um ano mais novo que ela, já com 47 anos. No começo todos eles se demonstram apaixonados, como heróis que vão mudar a nossa vida”, ela me conta enfurecida. “Mas o começo, juntamente com a magia, dura pouco”, relembra.

O padrasto começou a controlar a mãe de Lucia, que mentalmente abalada não conseguiu lutar contra. Foi aos poucos se apossando de toda a vida dela. Nos primeiros 6 meses de relacionamento já estava morando sob o mesmo teto, depois controlava os remédios que ela tinha que tomar, o que ela iria comer, onde iria. Como filha, Lucia sentia que perdia a mãe e não podia fazer nada. Para não deixar que Fernando a controlasse também, começou a planejar sua fuga.

Aos 13 anos, Lucia começou a ter desejos amorosos por homens e conheceu o primeiro namorado, João, na escola. Ele era do terceirão. Apesar da diferença de idade, logo ele faria 18 anos e ela poderia morar com ele e escapar da vida com a mãe e o padrasto. “Falar assim parece que eu usava ele para atingir um objetivo, mas na verdade eu realmente amei o João. O nosso relacionamento foi de muita parceria, acontece que ele também queria sair de casa, porque o pai era violento. Já que nós dois tínhamos o mesmo objetivo, com 14 anos virei noiva e aos 15 eu era mulher de alguém”, conta Lucia.

O relacionamento de Lucia e João durou 10 anos e eles viveram felizes numa cidade próxima a capital gaúcha. Em 2013, muita coisa havia mudado, a vida de cada um tomou um rumo diferente e eles terminaram, já que os dois não eram mais as mesmas crianças do colegial. Aos 23 anos, Lucia focava em terminar a faculdade de Enfermagem e foi morar sozinha de aluguel em um apartamento em Porto Alegre (RS), se acostumando à vida de solteira.

Em 2014, mesmo ano em que Lucia se formou, Nieve Ramirez Laureano embarcou em um avião que vinha da República Dominicana para o Brasil. Definitivamente, essa foi a mudança mais radical que a dominicana já experienciou. Nieve sempre foi uma menina com grandes sonhos, mas também muito ansiosa, como ela mesma me contou. O desejo de realizar os seus sonhos o mais rapidamente possível a consumia e a cegava às vezes.

Ainda no país de origem, Nieve construía uma vida. Aos 20 anos, se casou com o melhor amigo do ensino médio e um ano depois ingressou na faculdade de Medicina, um dos seus grandes sonhos.

Batalhava muito para que tudo ocorresse como o planejado. O que não estava nos planos de Nieve é que a vida que ela tinha sonhado desde pequena não era aquela que a estava fazendo feliz. A mesma rotina há 4 anos a estava desgastando. “Um pouco impulsiva, eu admito, mas aceitei vir para o Brasil no minuto que recebi a proposta da minha tia. Isso significava divorciar, pois meu marido não queria vir junto, e deixar o sonho de ser médica de lado por um tempo”, compartilha.

Nieve deixou toda a vida na República Dominicana para trás e veio se aventurar nas terras brasileiras, aos 24 anos, com a tia Val e o primo Isael, parentes do pai dela. Os pais de Nieve estão há mais de 30 anos juntos, em um relacionamento de muito companheirismo. O amor de conto de fadas igual ao de seus pais era um dos sonhos de Nieve. Diferente do irmão, o tio dela, marido de Val e pai de Isael, não vivia um bom relacionamento com ninguém da família.

“Desde pequena me lembro dele arruinando o encontro da família, por se irritar e começar uma briga. Vivi pouco com eles, porque meus pais não queriam que eu presenciasse tais atitudes, mas eu me lembro das marcas de roxo na minha tia e no meu primo. Sempre soube que ele era um homem perigoso”, explica Nieve.

Pouco antes de virem para o Brasil, esse tio faleceu, e Val e Isael planejaram viajar juntos para começar uma nova vida. Já uns três meses morando com eles em Balneário Camboriú (SC), Nieve ainda não encontrava emprego e passava muito tempo com o primo, que ela enxergava como alguém muito atencioso, amoroso e divertido.

Quando comecei a me habituar com a história dessas três mulheres - Priscilla, Lucia e Nieve - fui chegando à conclusão: não só as mulheres da minha família, mas muitas outras são expostas à violência desde muito cedo. Somente em 2018, 9 mulheres foram vítimas de algum tipo de violência a cada minuto no Brasil. A pesquisa feita pelo Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública ainda aponta que 21,8% foram vítimas de ofensa verbal, como insulto, humilhação ou xingamento, 8,9% foram tocadas ou agredidas fisicamente por motivos sexuais, 3,9% foram ameaçadas com faca ou arma de fogo e 3,6% sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento. E parece fácil escapar dessas trágicas situações, não é?

CAPÍTULO 2 - A CASA NEM SEMPRE É O LUGAR MAIS SEGURO

A resposta é não. Detectar uma situação de violência estando dentro dela e conseguir sair é muito mais difícil do que parece, ainda mais quando envolve questões sentimentais. Acontece que, assim como Lucia expôs: no começo tudo sempre parece perfeito.

Dois coisas precisam ficar claras para continuarmos nossa narrativa. Primeiro, é que a violência doméstica é “qualquer ação ou conduta, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual, psicológico, financeiro ou moral à mulher”, como explica a psicóloga Carolinne Baccin Testa, do programa Abraço à Mulher da Prefeitura de Balneário Camboriú.

A segunda é que as agressões cometidas em um contexto conjugal ocorrem dentro de um ciclo que é constantemente repetido. “O ciclo da violência é a forma que a agressão se manifesta em relações abusivas. Primeiro, tem a fase de tensão, quando começam os momentos de raiva, insultos e ameaças por parte do homem. A segunda fase é quando o agressor se descontrola e explode violentamente, liberando a tensão acumulada. Por último vem o cão arrependido, pedindo perdão e prometendo mudanças. Infelizmente, esse ciclo sempre se repete e, com o tempo, as agressões se tornam mais constantes e violentas. Mas não é fácil romper um relacionamento de anos com uma pessoa que se tem laços afetivos”, explica a psicóloga Carolinne. Mas como descobrir que alguém pode ser violento se no começo ele te trata bem, diz as coisas certas e mexe com seu coração?

Recém-chegada ao Brasil, Nieve sentia os impactos de ser imigrante. Mesmo o povo brasileiro sendo receptivo, ela ainda estava tentando ajustar o espanhol para se comunicar com facilidade. Começou a treinar o “portunhol” com o primo Isael, o que acabou os aproximando. Para conseguir confiança de falar em público, Nieve me contou que conversava muito em casa com a tia e o primo, assim, um policiava o outro sobre pronúncia, pausas e respiração.

Quando estava já há 2 meses morando no Brasil, Isael conseguiu o emprego de empacotador em um mercado e Nieve foi trabalhar em uma farmácia no Centro de Balneário Camboriú. Fora as 8 horas em estavam trabalhando, os primos passavam o restante do dia juntos. “Ser imigrante é difícil, as pessoas te olham como um estranho. Demorei um tempo para construir uma rede de amigos e, para

não me sentir sozinha, ficava vendo filmes, cozinhando, passeando ou só jogando conversa fora com Isael”, explica Nieve.

A relação dos primos foi se estreitando. Antes sentavam no sofá separados a um assento de distância, mas depois começaram a deitar aninhados. Tinham uma rotina diária que compartilhavam na mesma casa, onde se cruzavam várias vezes ao dia com olhares cheios de afeto.

Nieve percebeu que estava apaixonada quando começou a sentir ansiedade para chegar em casa e ficar com Isael, que se mostrava recíproco. No final de 2014, em uma relação claramente mais amorosa, os primos se beijaram e iniciaram um namoro oficializado.

Quando isso ocorreu, os dois estavam em frente à televisão, assistindo um filme de comédia e comendo uma pipoca. A tia estava na igreja, passava muito tempo com as amigas fiéis. Mais cedo Isael tinha dado um beijo prolongado na bochecha de Nieve e ela ansiava pelo próximo contato. “No meio do filme, ele começou com carícias na palma da minha mão, então sussurrou no meu ouvido que me amava e me beijou. Naquela noite pediu para eu dormir com ele e eu aceitei, muito apaixonada”, conta.

Tia Val não se importou com a relação dos dois e até aprovou quando contaram para ela, poucos dias depois do primeiro beijo. Em 2015, um ano depois de chegarem ao Brasil, Nieve e Isael se mudaram para uma kitnet próxima do centro da cidade e do trabalho de ambos. Mas algo ficou diferente na nova casa, Nieve sentia o primo mais irritadiço, desconfiado e nervoso.

“Antes ele era querido, carinhoso, engraçado e companheiro. Isael nunca foi muito aberto, não gostava de falar sobre sentimentos, mas eu não achava que isso afetava nosso relacionamento. Quando nos mudamos, começou a afetar, porque ele me fechava, criava uma barreira em torno de si que eu não podia acessar”, explica Nieve. Mas isso foi só o começo.

A tensão aumentou até que em uma noite, 6 meses depois de terem se mudado para a nova casa, Isael e Nieve estavam sentados na cama, ela começou a cutucar ele para provocar cócegas, brincando como faziam antes. Ao invés de rir, Isael ficou bravo, pegou um travesseiro e colocou sobre a cabeça de Nieve, impedindo ela de respirar. Ele ficou um tempo sufocando-a e depois saiu de cima dela, disse que era “só uma brincadeira” e pediu desculpas.

Mesmo que essa situação a assustasse, Nieve não conseguiu ir embora, ainda apegada ao amor que sentia por ele. Nem sempre a tensão estava presente, às vezes, Isael era afetuoso e a surpreendia com jantares e flores, dando-lhe esperança de que aqueles problemas estavam indo embora. Não parecia real para Nieve que o homem que ela amava pudesse realmente a machucar.

“Eu lembro quando postei minha primeira foto com ele no Facebook. Uma ex-namorada me chamou e disse para eu ter cuidado, porque ele tinha sido violento com ela. Nem continuei a conversa, pois eu tinha certeza que era ciúmes da moça por ver outra mulher com ele, já que Isael me tratava muito bem, pelo menos durante o primeiro ano de namoro”, relembra.

Infelizmente, era verdade. Um ataque de ciúmes, ou uma divergência de opinião. Um “não” como resposta, ou um atraso de alguns minutos. Qualquer coisa que Nieve fizesse e desagradasse Isael, resultava em agressões físicas. Além disso, ela também tinha de escutar comentários ofensivos sobre a sua aparência. Essas situações continuaram a se repetir por cinco anos.

Diferente de Nieve, Lucia não se sentia uma estranha. Na verdade, as coisas estavam indo muito bem para a gaúcha. Fazia dois anos que ela tinha terminado a faculdade de Enfermagem e já exercia a profissão em uma clínica no Centro de Porto Alegre. Quase todas as tardes tomava café em uma vendinha em frente ao trabalho. Foi lá que conheceu Renato, em 2016. Ele era dono do lugar e três anos mais velho que ela, na época com 26 anos. Renato era muito alegre e divertido, qualidades que Lucia gostava, pois era bom ter uma pessoa que a fazia sentir-se mais leve depois de um dia cheio na clínica.

Os dois começaram a sair juntos e alguns meses depois ele a pediu em namoro. O ano de 2016 ainda não tinha terminado quando Renato convenceu Lucia a deixar ele morar com ela, que vivia de aluguel em um apartamento pequeno em Porto Alegre. “Depois de 10 anos casada e mais três anos solteira, demorei para me sentir à vontade com outra pessoa. Mas aos poucos Renato foi sabendo contornar meus anseios e me fazer ceder aos caprichos dele”, compartilha Lucia.

Os problemas entre os dois iniciaram pelo ciúmes, que se tornou um incômodo constante. Renato afastou Lucia de todos os amigos, controlava o que ela vestia e tinha a senha do celular dela para checar sempre que quisesse. Lucia, é claro, não o traía e nem falava com outros homens, mas isso não importava para Renato, que mesmo sem provas se mantinha obsessivo.

Um ano e meio depois, a bebida começou a atrapalhar o relacionamento dos dois também. Muitas vezes, Renato voltava alterado para casa, xingava Lucia e brigava pelos motivos mais bestas. Às vezes, dava tapas nela, que tentava não o irritar, temendo atitudes piores do marido.

“Eu só tinha permissão para trabalhar e ele controlava nossas finanças, então meu salário era todo para ele. Não tinha amigos, não saía muito de casa, no máximo para ir ao mercado acompanhada dele. Com o passar dos meses, parei de me importar com a minha aparência. Não sei porquê, mas não conseguia me livrar dele. Acho que, além de me sentir sem forças para lutar, fiquei muito tempo apegada a quem ele era no passado”, compartilha Lucia.

No final de 2018, Renato convenceu ela de pedir dinheiro emprestado para o irmão, para que eles pudessem se mudar para outro estado. “Ele disse que tinha conseguido uma ótima oportunidade de emprego em Balneário Camboriú. Meu irmão deu 15 mil para gente. Esse dinheiro ia ser usado para pagar o aluguel adiantado e comprar comida, ainda sobraria uma reserva para ajudar enquanto eu procurava um lugar para trabalhar”, explica Lucia, que aceitou o plano esperançosa de uma vida melhor em outro lugar.

Se mudaram para a cidade catarinense e, pouco tempo depois, Lucia conseguiu um emprego como técnica de enfermagem em um hospital privado. As atitudes do marido permaneceram as mesmas, mas algo mudou quando, em 2019, Lucia ficou grávida de Renato.

As histórias de Lucia e Priscilla têm muitas coisas em comum. Lucia vivia em um lar opressor e abusivo quando criança e, por isso, planejou maneiras de fugir e viver uma vida melhor, até que encontrou o seu primeiro marido. Enquanto crescia, Priscilla presenciou várias agressões do pai contra a mãe e não tinha apoio nem dos irmãos. Por anos, durante sua infância e adolescência, contou os dias em que finalmente estaria livre daquilo.

O milagre da independência de Priscilla apareceu em sua vida aos 18 anos, lá em 2006, quando o pai de Priscilla contratou Nathan, de 29 anos, para auxiliar na loja de materiais elétricos. A beleza e o fato dele ser mais velho a atraíram, então se voluntariou para ajudar com a loja algumas tardes, podendo assim se aproximar.

Não foi difícil conversar com Nathan, que se mostrou muito interessado em Priscilla. O relacionamento foi se construindo aos poucos, pois eles só se encontravam quando ela ia trabalhar na loja, o que ocorria às vezes. Com o passar

do tempo, o pai de Priscilla notou a aproximação dos dois e confrontou Nathan, dizendo que “homem nenhum ficaria com a filha dele sem assumir compromisso”.

Os dois continuaram de namorinho na loja por um tempo e Priscilla começou a se apaixonar de verdade por Nathan, chegando a contar coisas profundas para ele, entre elas sobre a relação de seus pais. Preocupado com a segurança de Priscilla, visto que o pai poderia bater nela, Nathan economizou para comprar uma aliança e pediu a mão de Priscilla e a benção do sogro, que foi concedida. Em 2008, Priscilla foi morar na casa de Nathan em Camboriú, mesma época em que conheceu os sogros pela primeira vez.

O senhor e a senhora Goulart eram um casal classe média alta, mas que se enxergavam como ricos. Eram mesquinhos, tão brancos que chegavam a ser pálidos. Desaprovaram Priscilla no instante que a conheceram e nunca tiveram vergonha de soltar comentários ofensivos sobre a cor de pele dela.

No início, ela torcia para que Nathan não tivesse os mesmos comportamentos racistas que os pais, mas com o tempo foi se revelando. Ele ofendia a aparência da esposa, dizendo que seus traços e cabelos eram feios, e a diminuía como pessoa, repetindo o discurso de que ela não merecia ser bem tratada.

Mas Priscilla não tinha nenhum emprego fixo e a renda não bastava para morar sozinha em um lugar. Preferia ficar com Nathan do que com os pais, por isso manteve o relacionamento. Em 2009, aos 21 anos, ela ficou grávida da primeira filha, a quem batizou de Rihanna. “Depois da minha primeira gravidez ele mudou. Não demonstrava mais afeto por mim e começou a ser muito grosseiro. O homem por quem me apaixonei, que conversava comigo e tinha planos para o futuro, agora se transformava em um desconhecido, agindo de maneiras incompreensíveis”, conta Priscilla.

Como se sentia muito sozinha, começou a estudar sobre perucas e a se interessar por moda. O corpo dela estava mudando, os peitos e quadris crescendo, o rosto amadurecendo. Se tornou um hobby se arrumar... Era bom cuidar de si mesma, pintar as unhas, escolher uma roupa bonita, fazer tranças ou colocar uma peruca. Além de fazê-la se sentir bem, também era uma maneira de chamar a atenção do marido.

Isso funcionou por um tempo. Nathan se reaproximou de Priscilla e começou a levá-la para sair em festas com os amigos, o problema era que os outros homens

ficavam olhando para o corpo dela. “Dava pra sentir a malícia no olhar dos amigos de Nathan, mas ele parecia não se importar. A sua aproximação se resumia em me exibir para os outros e me levar para cama, a fim de satisfazer seus prazeres”, explica. Amar e não ser correspondida a machucava. Ser usada, a destruí.

Em 2010, ficou grávida do segundo filho, Richard. Durante a gestação, Nathan afastou-se novamente. Priscilla chegou a conclusão de que para o marido a gravidez não a deixava bonita o suficiente e tinha certeza que ele a traía.

Quando o confrontou, em uma noite chuvosa, Nathan ficou irritado, quebrou alguns objetos do quarto e alterou o tom de voz. Ela lembra das veias saltadas no pescoço e de pensar o que os vizinhos achariam daqueles barulhos. Torcia para os trovões abafarem a gritaria.

Para impedir uma briga que sabia que perderia, Priscilla tentou pedir desculpas pela desconfiança e sair de perto do marido. Mas Nathan segurou ela pelos punhos, dizendo que ela teria o que pediu. Na manhã seguinte, hematomas marcavam seus braços, a lembrando de nunca mais o questionar ou o contrariar. “Naquela época, todo fogo que eu tinha de lutar para viver uma vida diferente da minha mãe não existia mais. Fui me tornando como ela, aceitando os comportamentos violentos do meu marido”, relembra.

Com dois filhos para criar, Priscilla fazia perucas em casa e tentava montar o próprio negócio. Ainda sem dinheiro e sem emprego fixo, manteve-se casada com Nathan. Apesar de não ser carinhoso com ela, ele era bom com os filhos e isso bastava por enquanto.

Assim como em 63% dos casos de violência contra mulher registrados em 2021, as agressões contra Nieve, Lucia e Priscilla aconteceram em casa. Os dados são da Guarda Municipal da Prefeitura de Balneário Camboriú. Mesmo com histórias diferentes, as três sabem uma coisa em comum: a casa nem sempre é o lugar mais seguro para uma mulher.

CAPÍTULO 3 - QUEBRANDO O CICLO

A gravidez é um período de intensas transformações para a mulher, não só físicas, mas também emocionais e psicológicas. Muitas coisas mudaram em Lucia quando ela descobriu que estava grávida. Não só o corpo foi se alterando, com uma linda barriga se formando, como também as emoções ficaram à *flor da pele*.

No primeiro mês de gestação, Lucia já sentia uma conexão fora do comum se formando entre ela e o bebê e, aos 4 meses, começou a sentir raiva do marido, além de estar exausta do relacionamento. A barriga crescia junto da preocupação de como seria a vida da filha próximo de um pai bipolar. Os sintomas depressivos que antes a paravam, agora pareciam desaparecer e ela estava disposta a lutar, com unhas e dentes.

A ideia começou simples: ela ia pedir a separação. Logo na primeira tentativa, o temperamento instável de Renato se mostrou presente. Em uma mesa de jantar, a gaúcha sentava em uma ponta e o marido em outra. O coração estava acelerado, denunciando a sua ansiedade. Ela tinha treinado a tarde inteira como abordaria o assunto, mesmo assim temia.

Gaguejou ao começar a falar. Renato finalizava o prato, enquanto ela mal tinha encostado na comida. “Não sei se ainda faz sentido para mim estarmos juntos”, ela soltou a frase. No mesmo instante, os olhos de Renato, que até então não tinham observado, percorreram toda extensão da mesa até ela. Nenhuma palavra foi dita, mas a tensão preencheu o ambiente.

Lucia chegou a se questionar se continuava a falar ou não, imaginando ela e a filha Luiza morando com Renato para sempre, sendo vítimas constantes de seu desprezo por mulheres. Pensar nisso a motivou, iniciando novamente a conversa, que logo virou discussão, pois é claro que Renato não se separaria tão fácil.

Não importava o que ela dissesse para ele durante aquele jantar, tudo só o deixava mais irritado e ele não aceitava o fim do namoro. Em certo ponto, Lucia gritou que ele não tinha poder de escolha e que o deixaria pela manhã. Então, Renato se levantou da cadeira, foi até ela e, como se fosse uma boneca, removeu Lucia de onde estava sentada e a jogou no chão. Logo em seguida, pressionou o joelho em seu pescoço e a desafiou a deixá-lo.

“Era uma ameaça de morte”, me contou chorando. Os olhos azuis inundados como o oceano, me fitando meio sem graça. Para algumas vítimas, falar da

violência é vergonhoso, por isso é tão importante debater sobre o assunto, para que nenhuma mulher se sinta culpada de passar por isso e nem tenha vergonha de pedir ajuda.

Apesar da ameaça, Lucia não parou e fez tudo escondido. Garantiu que o salário do mês ia ser pago diretamente a ela e encontrou uma colega de trabalho para dividir apartamento na mesma cidade, pois precisaria continuar trabalhando. No dia 05 de julho de 2019, uma sexta-feira, quinto dia útil, Lucia recebeu o pagamento, pegou as malas e fugiu. Ela estava com 26 semanas de gestação e queria os últimos meses de paz, antes de reiniciar a vida ao lado de Luiza.

Para garantir isso, teve que ir à Delegacia da Polícia Civil em Balneário Camboriú pedir Medida Protetiva. Enquanto o processo era analisado pelo juiz, Lucia evitava sair do hospital em que trabalhava pela porta da frente, temendo encontrar Renato. Ele chegou a ir em seu trabalho procurar por ela, mas o segurança o impediu de entrar.

Assim como Lucia, Nieve temia a própria vida caso se separasse do primo. 58% das mulheres não terminam o relacionamento com seus agressores por medo de serem assassinadas por eles caso o façam. É o que diz a pesquisa feita pelo Instituto Patrícia Galvão, em parceria com o Data Popular, em 2018.

Os acessos de raiva de Isael foram se tornando cada vez mais constantes durante os cinco anos de namoro. No início, Nieve era muito apegada aos sentimentos que cultivou pelo primo nos primeiros meses, antes mesmo de namorarem. Com o tempo, o amor entre eles parou de existir e deu lugar ao medo.

Nieve vivia em constante medo. Ela evitava ao máximo ficar perto dele, pois tinha pavor de falar a coisa errada perto de Isael e apanhar por isso. Às vezes ele a batia porque o trabalho o tinha irritado, mesmo que ela nem tivesse feito nada.

Não pensava em fugir, temendo que ele fosse atrás dela e a matasse. Nem tinha forças para isso, já que a depressão a consumia. Tinha forças somente para trabalhar, fazendo horas extras sempre que podia, pois a farmácia era o mais longe que conseguia ficar de Isael.

Por conta das mangas longas que Nieve usava, as colegas de trabalho não conseguiam ver as manchas no corpo. Um dia, em março de 2019, uma amiga perguntou sobre uma vermelhidão na bochecha da dominicana, consequência de um tapa forte do namorado. Ela não conseguiu mentir, caindo em prantos quando foi questionada. A amiga, Sara, ofereceu a própria casa para ela ficar por um período,

até conseguir um lugar para si. “Pelo menos até tudo melhorar”, falou Sara. “Você precisa fugir disso”, frisou para Nieve, que não teve coragem de fugir na época.

Para os pais, ela mentia sobre um relacionamento perfeito. Era muito complicado envolvê-los nessa situação, já que estavam em outro país. Chegou a recorrer para a tia Val, mas esta respondeu dizendo que “Nieve, como boa mulher, deveria aguentar as agressões e respeitar os prazeres do marido”. Para Val e Isael, a violência já tinha se tornado comum e aceitável, depois de todo aquele tempo vivendo com uma figura violenta em casa.

Me encontrei com Sara uma vez, uma amiga muito leal e preocupada. Ela me contou que começou a reparar uma mudança de comportamento em Nieve em 2019, mais distante e estranha que o habitual. A aparência começou a mudar também, as olheiras mais profundas e o cabelo seco e caindo. Mas Nieve não deixava ninguém se aproximar para falar do assunto, se tornando incomunicável.

“Fui tentando uma aproximação aos poucos, conversando de vez em quando com ela sobre o que poderia estar causando essa tristeza tão grande em seu coração, que afetava todo o resto. Quando soube que ela morava junto do namorado, imaginei que ele poderia estar sendo violento com ela. Por fim, ela finalmente foi sincera comigo e eu pude ajudá-la a se libertar”, contou Sara para mim.

Foi no dia 16 de abril de 2019, uma terça-feira ensolarada após vários dias de chuva, que Nieve finalmente fugiu de casa. Enquanto estava no trabalho, a amiga Sara percebeu novamente vários hematomas e a convenceu de ir para casa dela por uns dias, em Itajaí (SC). Aproveitaram que Isael estava no mercado trabalhando e foram buscar todos os pertences dela.

Sara apresentou Nieve para o Programa Abraço à Mulher, da Prefeitura de Balneário Camboriú, onde iniciou seu tratamento psicológico. A equipe ajudou ela a conseguir uma medida protetiva e um local para ficar na Casa das Anas¹. No local, Nieve fez amizades que sabiam pelo que ela tinha passado e participou de terapia em grupo e individual. Aos poucos, foi garantindo a vida de volta.

Apesar de não ir ao trabalho dela devido à medida protetiva, um mês e meio depois de Nieve fugir, um amigo de Isael entregou a ela uma carta, pedindo para se encontrarem em segredo. Nieve sabia que era errado revê-lo, mas cedeu uma vez.

¹ A Casa das Anas é um abrigo com o objetivo de oferecer acolhimento institucional para mulheres em situação de violência.

Era um fim de tarde, eles foram até uma praça em Balneário Camboriú. Isael levou flores e uma caixa de chocolate da marca mais cara. “Ele tentou me impressionar, falou várias coisas bonitas e ainda prometeu que mudaria. A psicóloga tinha me alertado sobre esse comportamento e eu sabia que aceitar encontrá-lo mais uma vez arruinaria tudo. Eu perderia minhas chances de melhora, mas era como estar viciada naquilo, me sentindo dependente de Isael”, conta Nieve.

Foi difícil para ela lutar contra o pensamento de voltar com o primo. Mais difícil ainda justificar o porquê a escolha tinha passado pela cabeça dela. Nieve é uma mulher simples. Em todas as vezes que a encontrei tinha um sorriso no rosto. A história que ela me contou - e que aqui compartilho com vocês - é triste, mas ela aprendeu a seguir em frente. Naquela praça, ouvindo o primo falar até o anoitecer, Nieve tomou a decisão de pôr um fim naquela história.

Priscilla também desejava um ponto final, mas não sabia como conseguir. Ela faz parte das mulheres vítimas de violência doméstica que desistem da separação por conta dos filhos (49%) e também porque dependem financeiramente do marido (47%²). Se separar de Nathan significava dar uma vida menos favorável aos filhos, pois a renda não seria suficiente só com as vendas das perucas.

Ficar significava aguentar as atitudes e os comentários cruéis, que mexiam com sua autoestima e a faziam se sentir incapaz de merecer ser amada. “Ele vivia me dizendo coisas como ‘você ficaria mais bonita se fizesse cirurgia plástica’ ou ‘eu até te levaria para jantar, se você merecesse’. Eu não merecia ser amada por ele por ser preta, entretanto, eu servia bem na cama e para ser seu troféu”, me contou, como se cuspidando algo cravado na garganta, um fato que evitava falar e pensar porque a magoava.

A última opção era deixar os filhos com o pai, que se mostrava sempre amoroso com Richard e Rihanna e ganhava muito mais trabalhando em uma empresa de instalação elétrica. O único medo era se conseguiria ver os filhos de novo, ou se isso seria usado contra ela no futuro.

Em 2016, Priscilla iniciou o processo de separação. Digo processo, porque demorou cerca de dois anos para que ela se visse livre de Nathan. Um dia ele chegou do trabalho e ela o esperava na porta de casa, com as malas prontas. Já

² Dados da pesquisa feita pelo Instituto Patrícia Galvão, em parceria com o Data Popular, em 2018.

tinha falado com as crianças e prometido que os veria com frequência. Ele a deixou ir naquele momento, mas a perseguiu por muito tempo.

Assim que Priscilla foi embora, morou por uns meses com uma conhecida. Durante este período, Nathan esbarrava com ela na hora de buscar as crianças no colégio e pedia para ela “parar de bobeira e voltar para casa”. Também mandava várias mensagens. Às vezes, ele escrevia coisas românticas, mas a maioria dos textos diziam que ela tinha vários problemas e que aquilo era frescura.

Durante esses dois anos em que o capítulo “Nathan” não era finalizado na história da Priscilla, ela me contou que cometeu vários deslizes. Chegou a dormir com ele, trocar mensagens e até divagar sobre voltar a namorar. Um dia, em 2018, Priscilla foi buscar as crianças na escola e a filha Rihanna, na época com 9 anos, disse que amava a mamãe e o papai, mas que os preferia separados.

“Foi um choque para mim perceber que a nossa relação estava afetando os nossos filhos. Eu conversei com Nathan sobre e ele ama muito as crianças, então concordamos com a separação. Aos 30, enfim divorciada, comecei a focar na minha carreira e em quem eu queria ser daqui para frente”. Quando estou com Priscilla, a determinação em seu olhar me faz acreditar no potencial dela como empreendedora e o zelo, definitivamente, traz lembranças maternas.

CAPÍTULO 4 - A VIDA COMEÇA QUANDO A VIOLÊNCIA TERMINA

Por mais forte que você possa ser, colocar um ponto final em uma história é desafiador. Estar próximo de pessoas que amamos faz toda diferença, nos dá suporte para continuar progredindo. Lucia sentiu o peso da solidão alguns meses depois da separação. Ela não sentia saudades de Renato, só que enfrentar a gravidez e as mudanças de rotina sozinha era triste.

As coisas não melhoraram quando o irmão cobrou os 15 mil reais que tinha emprestado para ela alguns meses antes, para fazer a mudança de cidade junto do marido. “Preciso de meu dinheiro de volta”, chegou a mensagem no telefone, sem nem um oi antes. A dívida a deixava mais chateada ainda, mas Lucia repetia para si mesma que tudo ia se ajeitar com o tempo e com o nascimento da pequena Lu.

No dia 11 de outubro de 2019, Lucia começou a sentir contrações e foi para a maternidade, esperar pelo parto. As dores não eram nada fáceis e, mesmo assim, nada parecia mais grandioso que o amor materno. Era como se pudesse suportar qualquer coisa por aquele bebê. No Dia das Crianças, Luiza nasceu com pouco mais de 3,5kg. Um neném lindo e saudável, de cabelos loiros e olhos azuis, como a mãe. O nariz lembra um pouco o ex-marido, mas ela tenta não pensar nisso.

Muitas coisas mudaram na vida de Lucia com a chegada de Luiza, entre elas o autocuidado. Após o parto, a recém mãe sentia a necessidade de falar com alguém, então procurou uma psicóloga. Desabafar sinceramente sobre tudo pela primeira vez foi revigorante. Foi nessa época que começou a apelidar Renato de "indivíduo" e prometeu a si mesma que não falaria do pai para a filha.

Ele também não parecia se importar. Nos primeiros meses de vida de Luiza, Renato não procurou Lucia nenhuma vez para saber de seu bem-estar, nem mandou dinheiro para ajudar nas despesas. Cansada disso, ela abriu um processo judicial contra o ex-marido, exigindo o pagamento da pensão, por meio de um auxílio do Escritório Modelo de Advocacia (EMA) da Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

Como não tinha muito dinheiro, pois viver sozinha de aluguel e sustentar junto um bebê não era tarefa fácil, essa era a única maneira de conseguir um advogado. Ao menos, tinha ganhado licença do trabalho. Não que isso a fizesse sentir menos cansada. Na verdade, ser mãe parecia o maior e mais cansativo dos desafios que já enfrentou.

Na virada de 2020, Lucia ganhou o processo contra Renato e todo esforço pareceu valer a pena. O pai foi sentenciado a pagar 800 reais por mês, valor que subiria conforme o salário e emprego que tivesse. “No fim, o *indivíduo* não serviu nem para isso. Nenhum mês até hoje ele pagou o valor exato, no máximo, manda 250 reais. Quando manda...”, desabafou Lucia.

Ainda mais irritada com Renato, Lucia abriu o segundo processo contra ele, exigindo que compartilhasse com ela o pagamento da dívida de 15 mil reais, tendo em vista que os dois usaram o dinheiro juntos. O irmão continuou mandando mensagem e pedindo devolução, sem se importar com a falta de grana da irmã ou dos problemas após a separação.

Infelizmente, o segundo processo não repetiu o sucesso do primeiro e Lucia teve que contratar uma advogada particular para seguir a causa. Isso gerou ainda mais custos para ela. Neste meio tempo, teve que retornar ao trabalho e colocar Luiza em uma creche.

Em fevereiro de 2021, ganhou o processo contra o ex-marido, que fez somente um primeiro depósito no valor de 2 mil reais, não cumprindo com o acordo que o faria pagar metade da dívida. Foi aí que Lucia desistiu de tentar qualquer coisa contra Renato e simplesmente o esqueceu.

Fazê-lo desaparecer por completo de sua vida foi a melhor coisa que fez. “Os problemas ainda existem, mas é como se ele nunca tivesse existido”, comentou comigo uma vez. Certas coisas ainda são difíceis, como as dívidas que parecem nunca acabar, ou encontrar um parceiro para dividir apartamento. “Os desafios se dobram para as mães solteiras: precisamos trabalhar para garantir um futuro melhor aos filhos, mas deixá-los na creche o dia todo é abandono. Precisamos dividir apartamento para fechar os custos no fim do mês, como todos, mas ninguém quer morar junto de um bebê”.

Graças a Luiza, as dificuldades não foram suficientes para parar Lucia. Hoje, ela trabalha como técnica de enfermagem no Hospital do Coração, de segunda a sexta-feira. Recentemente mudou a carga horária e abriu mão dos plantões, para que pudesse passar mais tempo com a filha. Para auxiliar na renda, também confecciona e vende toucas cirúrgicas.

Desde novembro de 2021, Lucia divide com um colega de trabalho um apartamento improvisado numa construção de três andares, no Bairro Vila Real, em Balneário Camboriú. Nada lá é perfeito, os degraus das escadas que levam ao

último andar, onde fica sua apê, são irregulares e, quando chove, ficam escorregadios. O mofo também é uma preocupação. A organização dentro de casa não é tarefa fácil, com os brinquedos de Luiza espalhados em um espaço de menos de 40m². “Meu colega, Geovan, deixou eu ficar com o quarto maior... Um querido. Mas o lugar é pequeno, no chuveiro não cabe a banheira, a cozinha é bem apertada e os brinquedos ficam por toda parte. Sei que não é o ideal, só que é tudo que eu posso oferecer para ela agora”, disse Lucia para mim quando fui visitá-la em casa, com a voz rouca, quase cedendo pro choro. Nenhuma mãe quer dar menos que o melhor para seu filho.

Até o final de julho de 2022, Lucia vai perder o parceiro de aluguel. Geovan conquistou uma oportunidade de trabalho em outra cidade e vai se mudar. Ultimamente isso tem ocupado a mente dela, que não tem renda suficiente para morar sozinha. “Finalmente estou conseguindo terminar de pagar as dívidas com meu irmão e a advogada, mas o aluguel está caro demais e ainda tenho que comprar fraldas, roupas, comida, passagem de ônibus... Quando eu recebo o dinheiro não rende e me sinto incapaz de sair do lugar”, desabafa. Como técnica de enfermagem, Lucia ganha R\$ 2.100,00, fora os plantões que rendem geralmente R\$ 80,00 por 12 horas, da qual abriu mão para passar mais tempo com a filha.

“Os bebês crescem muito rápido. A Lu está com 2 anos e 8 meses, falando várias palavras, correndo, brincando, sorrindo e me dói imaginar perder momentos com ela. Somos muito parceiras, porque sou tudo que ela tem e ela é tudo que eu tenho”, explica Lucia. Ser mãe é o que mais importa para ela, que se mantém solteira, focada em trabalhar para um futuro melhor.

Quem sabe bem o que é o amor de mãe é a Priscilla, que iniciou o ano de 2019 motivada a construir uma carreira para ter condições de sustentar os filhos, Rihanna e Richard, que foram morar com o pai Nathan depois da separação. Priscilla dedicou-se à loja online de perucas e foi conquistando aos poucos suas clientes, indo em eventos públicos da cidade usando o próprio produto e conversando com as mulheres presentes.

Nesse período, ela precisou trabalhar a timidez e o amor próprio, assim foi ganhando confiança. Priscila é a dona, tesoureira, modelo e secretária do “Wigs na Pele Negra”, como chama seu negócio, e ainda fabrica algumas perucas. Por meio do trabalho, conquistou um círculo de amigos, conheceu o atual noivo, aprendeu coisas novas e teve coragem para se arriscar em mais áreas.

Assim foi surgindo a paixão pelo teatro. Priscilla conheceu amigos da área que apresentaram para ela o mundo da ficção, onde tudo era possível. Começou a atuar em peças pequenas e alguns comerciais, gerando mais uma renda extra. Na primeira peça que encenou, ela foi a Pequena Sereia e desbravou a independência como princesa humana. Estar no palco a fazia se sentir imbatível e também a abriu outras portas, entre elas a carreira como modelo.

A beleza de Priscilla chamou a atenção de donos de lojas de roupas em Balneário Camboriú e ela conseguiu vários trabalhos em desfiles regionais e sessões de fotos. Em 2020, durante a pandemia, começou a estudar sobre racismo, solidão da mulher negra e vivências de mãe solo. O que ia aprendendo, Priscilla divulgava nas redes sociais, por meio da conta no Instagram “Na Pele Negra”. O público foi se interessando pelo conteúdo e pelo dia a dia dela, que criou uma comunidade de 13 mil seguidores.

“São pessoas interessadas no que eu tenho para dizer e que são inspiradas pela minha história. Eu gosto de aprender sobre educação positiva para ser uma mãe melhor. Também estudo sobre racismo, faço terapia, luto pelos direitos das mulheres e cada dia que vivo é um novo aprendizado. Acho lindo compartilhar isso com outras pessoas e vê-las engajadas, trocando experiências comigo”, conta Priscilla.

Empresária, atriz, modelo e influenciadora são as profissões que Priscilla exerce e foi graças a elas que começou a ter renda para comprar um carro e financiar um apartamento em Camboriú (SC). Com a carreira estável, a carioca começou a focar na vida amorosa, que estava intocada há 3 anos.

Em julho de 2021, no aniversário da cidade de Balneário Camboriú, enquanto ajudava com a organização da festa comemorativa do bairro em que morava, Priscilla conheceu Johanderson, um homem de cabelo castanho, alto e barbudo, que chamou sua atenção. Ele tinha 36 anos e ela 33. “A atração entre nós dois foi instantânea. A gente se esbarrou entre as barracas vendendo comida que estavam espalhadas pela praça. A barraca dele vendia uma receita de cuscuz feita pela mãe nordestina. Johanderson me ofereceu para provar, ficamos conversando durante a comemoração e trocamos os telefones”, conta.

Mesmo com medo de viver um relacionamento tóxico novamente, Priscilla se deixou entregar. A psicóloga dela sempre falava sobre a importância de aceitar o

amor que merecemos e aprender quando é hora de ir. No caso de Johanderson, não tinha com o que ela se preocupar, o relacionamento era bom desde o início.

“Eu sempre fui ensinado pelos meus pais a ser o mais correto e educado com uma mulher. Priscilla é o amor da minha vida e somos muito parceiros. Ela merece ser o mais bem cuidada possível e eu tento dá-la aquilo que merece. A Pri é tão forte e corajosa, mas tão sensível e maternal, é linda por dentro e por fora”, declarou Johanderson para mim. De fato, os dois são muito ligados, eu vi pela forma que um olha para o outro. O olhar não nega o zelo.

Com um amor saudável, Priscilla pode acreditar em reunir a família e ter mais filhos. Atualmente, os dois estão noivos e são sócios de um restaurante, montado na casa da sogra, que é a chef de cozinha. O “Restaurante Girassol” fica na Barra Sul, uma linda construção pintada de amarelo, com um deck de madeira onde ficam dispostas as mesas, também de madeira. Uma escadaria externa leva para o segundo andar, rodeado de flores.

“O restaurante é um sonho do meu noivo e minha sogra que estou ajudando a realizar. Graças a ele, estamos mobiliando nosso apartamento. O quarto da Rihanna e do Richard já estão prontinhos”, fala orgulhosa de si mesma, de tudo que alcançou.

Atualmente, Nathan divide a guarda dos filhos com Priscilla, os dois se veem e se falam somente quando necessário e tentam manter uma boa relação. Logo após a separação, Rihanna apresentou sintomas ansiosos e começou a ver uma psicóloga. “Tive que convencer Nathan das consequências que nossa relação poderia ter causado no crescimento da Rihanna, mas no fim ele aceitou que ela fizesse terapia. Em 6 meses de acompanhamento, os efeitos surgiram e ela se sentiu menos pressionada, mais calma e animada com a escola e os amigos”, conta Priscilla.

Hoje, as crianças ficam 15 dias com cada um e se dão bem com essa rotina, tiram notas boas, têm amigos e fazem atividades extracurriculares. O casamento de Priscilla e Johanderson já tem data marcada e os planos de mais um filho estão sendo elaborados. Mas quem não pensa nem em filho ou marido é a Nieve, que está mais focada em aproveitar a vida e cuidar de si.

A dominicana viveu 11 meses na Casa das Anas após a separação. Foi um período que mudou tudo na vida dela para melhor. No lugar, fez amizade com várias mulheres que entendiam pelo que tinha passado e tinham que recomeçar a vida

assim como ela. O abrigo ofereceu socialização, terapia, teto para dormir, comida e apoio financeiro para Nieve, que mesmo após 5 anos vivendo no Brasil, ainda sentia o peso de ser imigrante. “Eu fiquei isolada da sociedade enquanto namorei meu primo. Isael não me deixava ter amigos ou sair de casa sem ele. Eu também não tinha motivação para socializações, devido ao meu estado depressivo”, conta Nieve.

Foi na Casa das Anas que ela conheceu a dominicana Dahianna, morando no Brasil há 3 anos. As duas se tornaram amigas rapidamente, devido às semelhanças de suas histórias, e foram dividir apartamento no Bairro Nova Esperança, em Balneário Camboriú.

O espírito de Dahianna é parecido com o de Nieve. Ambas querem curtir o momento da vida, sem pressa para novos relacionamentos. Várias vezes que tentei me encontrar com Nieve ela tinha algum compromisso marcado. Uma saída para balada, ou para algum restaurante com as amigas. A vida virou motivo de festa.

O único sonho que Nieve mantém desde mais nova é o de virar médica. Em 2022 começou a estudar para conseguir prestar vestibular na área e, quem sabe, trabalhar salvando vidas. Por enquanto, se mantém próxima da saúde no emprego de atendente de farmácia, na mesma empresa que trabalha desde que chegou ao Brasil.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), $\frac{1}{3}$ das mulheres ao redor do mundo já sofreram algum tipo de violência física ou sexual durante a sua vida. O dado alarmante pede para que leis protetivas sejam criadas e direitos exercidos. Em 1948, foi declarado oficialmente os Direitos Humanos, que tem caráter universal, devendo ser aplicados a toda e qualquer pessoa do mundo. Infelizmente, é necessário medidas específicas para determinados grupos vulneráveis e que historicamente sofrem maiores violações e discriminações. Aqui no Brasil, por exemplo, a Constituição Federal de 1988 prevê a igualdade entre homens e mulheres, a proibição da discriminação por sexo e a ampliação dos direitos civis, sociais e econômicos das mulheres. Por meio desses direitos, há uma tentativa de reparar e trazer justiça às futuras gerações, para que outras mulheres não vivenciem o mesmo que Lucia, Nieve e Priscilla.

CAPÍTULO 5 - PROGRAMAS DE COMBATE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência doméstica é um problema social e estrutural de dimensão universal. O trauma causado por ela atravessa fronteiras e impacta a economia, a saúde e a cultura do país, em diferentes níveis, afetando não só as vítimas, como também os demais indivíduos relacionados.

A proteção das vítimas e a punição dos agressores são ações de combate necessárias, mas para o enfrentamento da violência de gênero também são importantes ações sequenciadas.

No Brasil, a Lei Maria da Penha cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher em conformidade com a Constituição Federal. De acordo com o § 2º do art. 3º da Lei, é de responsabilidade da família, da sociedade e do poder público assegurar às mulheres o exercício dos “direitos à vida, à segurança, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”.

O Instituto Maria da Penha, que contribui para a aplicação integral da lei no país, sugere algumas ações de combate, como inserir a discussão nos currículos escolares de maneira multidisciplinar, criar políticas públicas com medidas integradas de prevenção e promover pesquisas para gerar estatísticas e possibilitar uma sistematização de dados em âmbito nacional. Também incentiva a realização de campanhas educativas para difundir a Lei Maria da Penha e outros instrumentos de proteção dos direitos humanos das mulheres.

O Ligue 180 é um serviço disponibilizado pelo Governo Federal, que recebe denúncias de violência doméstica e funciona 24 horas, todos os dias da semana. Por meio desse canal, a mulher pode saber onde existe um Centro de Referência de Atendimento à Mulher ou uma Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) na cidade em que vive, além de conseguir outras informações que precisar.

Em Balneário Camboriú, ações municipais auxiliam no combate a violência doméstica. Com foco principal em apoiar mulheres vítimas de todos os tipos de violência, o Programa Abraço à Mulher, do Governo Municipal, funciona todos os dias da semana 24 horas.

Por meio do WhatsApp (47) 99982-1906, mulheres fazem o primeiro contato e recebem acolhimento de equipe capacitada, que atua no Centro de Inteligência

Emocional Casa da Família, localizado na Rua 3.100, nº 876 - Centro. Além dos atendimentos psicológicos gratuitos, o programa também disponibiliza assistência jurídica, auxilia na inserção no mercado de trabalho e encaminha a vítima para rede de apoio e grupos focais.

Desde sua criação, em 2019, 20.433 atendimentos foram realizados, sendo 2.673 em 2022. No período de pandemia de Covid-19, durante o isolamento social em que muitas mulheres ficaram presas com seus agressores, o atendimento cresceu 30%. “O Abraço à Mulher vem em consonância com os altos índices de violência contra a mulher que existem no Brasil e no município. Na época de lançamento do programa, a cidade tinha um dos maiores números de feminicídio em Santa Catarina, mas a efetividade do trabalho feito até aqui ajudou a reduzir esses indicadores”, explica a atual secretária municipal de Desenvolvimento e Inclusão Social, Christina Barichello.

Idealizada pela ONG Vidas Recicladas, a Casa das Anas de Balneário Camboriú é um abrigo para mulheres vítimas de violência. O local oferece proteção social para mulheres que necessitam de apoio para o fortalecimento de vínculos, da autoestima e reconstrução de seu projeto de vida. A Casa tem espaço para abrigar 24 mulheres de 18 a 59 anos, acompanhadas de seus filhos ou não, com acomodações adaptadas para pessoas com deficiência.

A equipe técnica do abrigo é formada por coordenadora, educadores sociais, psicóloga, assistente social, cozinheira, assistente administrativo e auxiliar de limpeza. A Casa orienta as mulheres quanto a retomada dos estudos, localiza os familiares, encaminha para cursos profissionalizantes, oficinas de arte e atividades culturais e auxilia na retomada ao mercado de trabalho, proporcionando autonomia e superação da situação de violência e possibilitando a convivência comunitária, familiar e social, bem como o acesso a rede socioassistencial e as demais políticas públicas.

“Esse é um espaço importante porque dá endereço e abrigo a mulheres vítimas de violência para que elas refaçam suas vidas. É um espaço de amor e de recomeço, de respeito às mulheres e as famílias”, pontua o atual presidente da ONG Vidas Recicladas, Bruno Ribeiro Barreto. A mulher pode entrar em contato com a Casa das Anas pelo e-mail adm.casadasanas@vidasrecicladas.org ou no telefone (13) 3041-1849.

Por meio de visitas, orientações e apoios, o Grupo de Proteção à Mulher, da Guarda Municipal de Balneário Camboriú, presta o suporte necessário às mulheres vítimas de violência doméstica ou em vulnerabilidade social. Em 2021, 320 mulheres foram atendidas pelo serviço.

Criado em março de 2020, o GPM garante amparo e proteção, além de fortalecer e legitimar o cumprimento da Lei Maria da Penha. A proposta é unir forças ao enfrentamento da violência contra a mulher, mantendo vínculo direto com a comunidade. Em parceria com a Guarda Municipal, o grupo fiscalizou 296 Medidas Protetivas de Urgência (MPU) solicitadas pelas vítimas em 2021.

“O Grupo de Proteção à Mulher é uma ferramenta muito importante no combate à violência doméstica no município, pois inúmeras mulheres saíram de situações de abuso devido a esta proteção. O acompanhamento feito dá à vítima mais segurança, pois ela é tida como prioridade, de forma que, em qualquer situação de emergência, é prestado o atendimento com mais agilidade. O caso é acompanhado até o encerramento da medida protetiva”, explica a guarda e coordenadora do grupo, Gabrielle Moreira Cunha.

O GPM atua de forma incisiva frente às denúncias recebidas, além de realizar rondas frequentes pelos bairros de Balneário Camboriú. No caso de denúncias e apoio, a mulher deve ligar no 153. O WhatsApp (47) 99982-2275 está aberto para dúvidas e questionamentos relativos ao combate da violência doméstica e medidas de proteção. O atendimento é 24 horas e após o chamado, os guardas se deslocam imediatamente até o local e prestam o apoio necessário à vítima.

O conjunto de ações de combate à violência doméstica praticadas pelo Abraço à Mulher, Casa das Anas e Grupo de Proteção à Mulher, colaborou para uma queda nos índices de violência contra mulher em Balneário Camboriú. Em 2021 e 2022, a Guarda Municipal registrou uma redução de 20% nas denúncias de feminicídio, se comparadas aos anos de 2019 e 2020.

EPÍLOGO

A violência contra a mulher reflete questões de ordens cultural, social e religiosa que se manifestam de formas distintas nas diferentes partes do mundo. Enraizada e apoiada no patriarcado, a violência de gênero está presente tanto no espaço público quanto na vida privada, em geral imposta por pessoas que a vítima conhece, convive e em quem confia.

As situações de violência ocorrem, principalmente, por conta da visão distorcida do homem em relação à mulher e a posição que ela ocupa na sociedade. O homem e a mulher têm papéis diferentes na história ocidental, sendo a figura masculina considerada independente, capaz, resistente e provedor, enquanto a feminina é frágil, confusa, dependente e submissa. Com esta visão, mães, filhas, namoradas e esposas têm escolhas violadas e sentimentos desmerecidos.

A psicóloga Carolinne Testa explica que, ao sofrer violência, a mulher pode enfrentar diversos traumas e desenvolver doenças durante a vida. "Ela pode ter a autoestima e confiança abaladas, começando a acreditar que não é apta a estudar e ter um futuro melhor, além de ter dificuldades para emitir opiniões". Entre os impactos na saúde causados pela violência, Carolinne cita a depressão, estresse pós-traumático, ansiedade e suicídios como os mais comuns. Em caso de violência sexual, a mulher pode contrair infecções, como a AIDS.

Assim como a mulher é vítima desta visão distorcida dos papéis sociais, o homem também é. Meu pai cresceu sem a presença da figura paterna, à margem de uma família desestruturada, pois minha avó tinha suas limitações. É explicado na psicologia que as experiências vividas na infância afetam quem nos tornamos no futuro. Neste caso, as atitudes violentas e inseguras de meu pai são consequência de seus traumas.

"A figura paterna contribui para a formação e educação dos filhos, mesmo que convivendo em um lar separado. O abandono pode fazer a criança questionar se é 'suficiente', afetando sua autoestima e a impedindo de se desenvolver com qualidade", pontua a psicóloga. Entretanto, meu pai é responsável por suas atitudes. Minha mãe nunca quis denunciá-lo por acreditar em seu processo de cura, mesmo que seu comportamento violento se repetisse ao longo dos anos.

Hoje, meu pai vive um recomeço, com outra esposa, trabalhando e sendo presente em minha vida... Mas ele é uma bomba relógio. Eu ainda tenho medo e

isso me afeta. Mesmo assim, não posso negar que o ambiente saudável na qual ele convive agora é muito mais efetivo para sua recuperação do que a prisão. O sistema carcerário isolaria meu pai da sociedade e nada se construiria disso.

Segundo a psicóloga Carolinne, é necessário pensar em ações que trabalhem as famílias, com educação positiva e inclusiva. “Abordagens sutis, baseadas na gentileza e no fortalecimento dos vínculos, permitem que as crianças cresçam mais empáticas e seguras de si. Ambientes afetivos contribuem para o desenvolvimento da autodisciplina e do autocontrole, além de fortalecer o senso de importância. Ou seja, indivíduos que sabem interpretar suas emoções e são maduros e confiantes, compondo uma sociedade mais preparada, vivenciando relações mais estáveis e saudáveis”, explica a psicóloga.

Para combater a violência de gênero, é necessário aplicar a educação positiva e trabalhar a igualdade entre os gêneros desde a infância. Quanto às vítimas de violência doméstica, é preciso protegê-las, dando rede de apoio e as afastando de seus agressores. Estes devem ser responsabilizados por seus atos e ainda ter o direito de recomeço, com apoio emocional e inclusão social. Mas *não cabe* a mulher salvar o homem, pois ela como ser único tem o direito de focar no seu próprio processo de cura.

Por fim, me sinto preparada para pôr um ponto final neste livro. Apesar de minhas inseguranças sobre como o tema me afetaria, concluo mais um capítulo como jornalista, agora mais preparada e madura. Além de um instrumento de apoio à luta contra a violência de gênero, em prol às mulheres vítimas, como minha mãe, Lucia, Nieve, Priscilla e eu, este livro também é uma libertação para mim como profissional e pessoa.

ANEXOS

Anexos 1: Lucia Leonhardt e a filha Luiza



Anexos 2: Nieve Maria Ramirez Laureano



Anexos 2: Priscilla da Silva Reis com os filhos Rihanna e Richard



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha mãe, que aguentou muita coisa por nós. É a mulher mais sensível e doce que eu conheço, cheia de luz própria, apesar de seu passado. Nunca foi vingativa e sempre quis que eu mantivesse uma boa relação com meu pai. Minha mãe sempre foi minha fã número 1, mal sabe ela que é minha maior fonte de inspiração.

Também quero agradecer a Lucia, Nieve e Priscila, três mulheres fortes, que abriram seus corações, me permitiram conhecer mais de suas histórias e estar perto de suas famílias. Desde o primeiro contato, foram sempre solícitas, acolheram a mim e a este trabalho, que só concluo graças a dedicação delas também.

Por fim, agradeço ao jornalismo que me permite expandir meus horizontes, conhecer histórias incríveis e aprender cada dia mais.